

3 março de 1963

MAURER JR., Theodoro Henrique - O Problema do Latim Vulgar. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1962, 200 pp.

O problema do latim vulgar, pedra de toque da Filologia Românica, tem sido debatido pelas mais variadas correntes de românicas, dividindo-se as opiniões não só quanto à conceituação do latim vulgar, senão também quanto aos seus métodos de estudo, datação e estabelecimento das fontes para a sua reconstituição.

Assim, há os que supõem ser o latim vulgar a língua falada das classes médias romanas, latim polido, sermo urbanus (1). Para outros, contudo, e entre estes alinham-se Stolz-Leumann, Hoffman e Niedermann, além do nosso Autor, o latim vulgar é a língua falada pelas classes mais baixas da população, e se havia constituído numa espécie de koinê da massa popular. Sua estrutura ~~é~~ resultado da soma dos elementos romanos primitivos à língua das populações rurais e à língua dos imigrantes que assimilavam o idioma de Roma, deixando-lhe as marcas daquela assimilação.

Ao lado dessa língua da plebe (sermo plebeius) está o sermo urbanus ou quotidianus, praticado pela aristocracia romana, e que constitui o latim clássico quando em sua forma escrita. Com a queda do Império Romano o latim literário se torna menos polido, sobrevivendo embora até a Idade Média, como língua da administração e dos escritores (2).

No tocante ao método para a reconstituição do latim vulgar, querem alguns que se baseie nos escassos textos de que temos conhecimento. Poderá parecer paradoxal que, em se tratando de língua falada, sejam os textos as fontes para seu estudo. E na verdade não há textos exclusivamente em latim vulgar, senão retalhos da fala popular romana recolhidos por autores como Plauto, Etéria, Petrônio e outros poucos mais (3). A crítica mais ponderável que se tem levantado contra tal método é a de que o latim assim reconstituído é bastante artificial para supô-lo o meio vivaz de comunicação da arraia-miúda romana.

Daqui a volta ao velho método histórico-comparativo, que consiste, no nosso caso, em se compararem as línguas românicas para ~~kk~~ apreender o substrato comum a todas elas, e que é o próprio latim vulgar.

Havia a considerara, não obstante, uma série de inovações cultas supervenientes ao longo das Renascenças (a carolíngia e a ~~seiscentista~~ seiscentista) e devidas ao prestígio cultural do francês. Para afastar a possibilidade de se atribuírem elementos cultos ao latim vulgar foi que se imaginou confrontar tôdas as inferências resultantes da comparação entre as línguas românicas e o romeno, língua que, como se sabe, isolou-se das mais em sua fase de formação, furtando-se àquelas influências cultas.

Este método de trabalho, com certeza o mais seguro, tem contra si o não trazer o sabor da novidade, tão grato a certos paladares. Que não é, felizmente, o do Prof. Maurer, o qual, convencido de que as teses novas não são melhores que as outras pelo simples fato da novidade, provou-nos, ao longo de uma série de trabalhos de alto interesse lingüístico, que a ~~senda~~ aberta pelo método histórico-comparativo não foi ainda totalmente percorrida por quantos desejem conhecer o latim vulgar (4). Entre êsses trabalhos destacamos o A Unidade da Românica Ocidental (São Paulo, 1951), onde se mostram os resultados da influência culta na formação das línguas românicas ocidentais, influências cultas essas encarnadas no latim medieval e no prestígio cultural da França. Na Gramática do Latim Vulgar (Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959) o A. analisa a estrutura do latim vulgar, talvez da maneira mais completa, até esta data, pois que lhe percorre a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico.

O Problema do Latim Vulgar é, assim, a enumeração e justificação ~~dos critérios~~ seguidos pelo Prof. Maurer em seus estudos neste campo, e constituída juntamente com a Gramática, a tese de concurso com a qual o A. concorreu vitoriosamente à Cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

-+-

Além da introdução, o livro compreende seis capítulos assim intitulados: As fontes do latim vulgar (exame crítico); Latim clássico e latim vulgar (noções gerais); A antiguidade do latim vulgar; O latim vulgar é popular; O latim clássico e o latim falado da aristocracia romana; Homogeneidade e ~~hkkkk~~ variabilidade do latim vulgar. Uma bibliografia seletiva cerra o volume.

No primeiro capítulo procede-se à enumeração e análise crítica das fontes para o estudo do latim vulgar. Principiando

pelas "fontes usuais para o estudo do latim vulgar", refere-se aos gramáticos, lexicógrafos e mestres de retórica romanos, aponta as "obras latinas compostas por autores de limitada cultura literária ou que têm por fim artístico ou utilitário descrever a vida, o ambiente ou as atividades de Roma" (5), além das inscrições, dos termos latinos encontrados nas línguas dos povos que mantiveram comércio com os romanos e, finalmente, as línguas românicas. Segue-se a esta enumeração uma crítica das fontes, ficando patente sua insuficiência para o conhecimento do latim vulgar quando tomados sem um necessário cotejo com as línguas românicas. Mostra, por exemplo, que "quanto aos documentos literários e epigráficos, esquece-se às vezes que nenhum d'elles está escrito em latim vulgar", por mais que fervilhem os plebeísmos (p. 23); acentua o "quão pouco se pode considerar o latim da *Valgata* simples latim vulgar" (p. 29) e prova a contraditoriedade das inscrições (p. 32).

Daqui a importância das línguas românicas como fonte do latim vulgar; o valor do romeno, verdadeiro ponto de referência para o estabelecimento dos vulgarismos, enfim, o valor e as limitações do método histórico-comparativo para a reconstrução do latim vulgar (6).

No cap. II o A. estabelece as duas camadas do latim, que será o sermo urbanus quando falado pela aristocracia, e o sermo plebeius quando usado pela plebe romana. O latim vulgar ter-se-ia iniciado por volta do séc. III a. C. e desaparecido no séc. V, quando começa o proto-romance. Diversos fatores peculiarizam o latim vulgar em relação ao latim clássico ou literário: a oposição social entre aristocracia e povo e seus reflexos na linguagem; o conservadorismo tradicionalista do latim clássico em face da relativa instabilidade do latim vulgar, mais permeável às influências exóticas e, por fim, a heterogeneidade da camada popular que determinou a formação de uma *koinê* simplificada e cheia de solecismos e barbarismos (p. 65).

No cap. III mostra-nos o A. a configuração que o latim vulgar tomou a partir do séc. III a.C., o que lhe deu uma unidade apreciável antes mesmo da grande colonização romana; essa antiguidade do latim vulgar fica provada pelos seguintes fatos: a) "pela concordância das línguas românicas em um número muito grande de elementos importantes de sua fonética, de sua gramática e de seu vocabulário, em oposição ao la-

lat. are. e v. católicos
e. lit. católicos
2 + 2 var.
passar,
4. Arnest
Capitula
p. 26

tim ~~kkkk~~ escrito" (p. 74); b) "pela antiguidade de muitas destas inovações, atestada esporadicamente -- mau grado o silêncio que em geral reina sobre elas -- pelas inscrições, por certos textos literários menos corretos e por uma ou outra informação de críticos e gramáticos latinos desde a época clássica" (p. 76); c) pela abundância de construções e formas "romances" e pré-romances no latim de Plauto; d) pela sobrevivência de certo número de arcaísmos na língua vulgar, o que ocorre na fonética, morfologia e sintaxe. Conclui, após oferecer uma grande variedade de provas a tal respeito, que "o latim vulgar já existia em seus caracteres gerais à na época clássica, constituindo, até certo ponto, uma variedade distinta e independente do mesmo latim que gerou a língua literária de Roma" (p. 89).

dec III
a. c.

O cap. IV prova a origem popular, plebéia do latim vulgar, ocorrência de grande importância para sua conceituação e para compreensão das línguas românicas, conforme vimos na introdução desta resenha. Fazendo das palavras de G. Bonfante (Los elementos populares en la lengua de Horacio, p. 129 e s.) epígrafe para este cap., mostra-nos como se devem distinguir duas correntes vivas no latim falado: uma corrente aristocrática e outra popular, que é o latim vulgar, a despeito de algumas opiniões em contrário, pelas quais o termo "latim vulgar" é inconveniente e impróprio (p. 92). Insistindo na vulgaridade do latim de que se originaram as línguas românicas, e lembrando que nelas o que há de culto se deve à influência do latim medieval, relaciona o Prof. Maurer uma série de fatos em comprovação, dos quais daremos aqui um resumo:

1. Testemunho de escritores ~~kkkkkk~~ latinos sobre a existência de um latim plebeu e rústico; passa em revista declarações de Quintiliano, Áulo Gélío e Cícero.

2. A latinização das regiões conquistadas se fez por meio de elementos da plebe romana: aponta os fatores da latinização rápida do Império (sistema de colonização, exército e escola, este último um fator menos aceito -p. 103-).

3. A antiguidade de grande número de peculiaridades do latim vulgar: muitas características românicas se encontram em autores como Plauto, por exemplo. O fato de não haverem elas ~~kk~~ ascendido ao latim literário, estilização da língua falada da aristocracia, prova sua filiação plebéia. Daqui o silêncio estranho e misterioso em torno de muitos elementos do latim vulgar que já deveriam circular em dada época: é que as altas classes, detentoras da comunicação literária, timbravam em ignorar os vulgarismos das classes inferiores (p. 105).

4. As raízes populares e bárbaras da vida social da Românica Moderna. O exame ~~kk~~ das ~~kkk~~ instituições românicas modernas apontam sua tríplice origem: romana, bárbara e cristã. Pois bem, o que há de romano na civilização românica evidencia o elemento plebeu "e não da sociedade refinada e culta do período imperial" (p. 108). Assim, a cultura intelectual, as cidades, os costumes e instituições peculiares à aristocracia romana, enfim, o patrimônio da alta sociedade romana, perdeu-se, contrastando ~~kk~~ com o que há de plebeu ou bárbaro conservado na Românica moderna.

5. O caráter essencialmente popular do romance primitivo. Após referências à fonética, morfologia e sintaxe do romance primitivo, demora-se o A. na consideração de seu léxico, onde encontra sufixos vivazes da derivação vulgar (-ellus, -osus, -iare, etc.), peculiaridade da forma de muitos vocábulos (coda por cauda, grassus por crassus, talvez por influência de grossus, daxare por laxare, imbilicus por umbilicus, etc.), o sentido peculiar de muitos termos (afflare = achar, em lugar de farejar; laborare = arar, por trabalhar; perna = crus, pois perna significa pernil, no latim literário. Assinale-se, aqui, o sentido concreto e restrito que as palavras tomavam na língua popular, contrapondo-se ao sentido geral que assumia na camada culta) (7); finalmente, "a ausência de grande número de termos correntes no uso clássico e a presença de outros inteiramente desconhecidos aí", como passiare por osculari, caballus por equus, campus por ager, casa por domus, etc. (p. 133).

6. A formação do latim literário sobre a língua falada pela sociedade elegante de Roma: "se o latim literário se baseia em uma língua viva, falada no tempo de Cícero --como veremos--, é claro que esta não podia ser o latim ~~kk~~ que chamamos vulgar e que deu origem às línguas românicas, e isto por uma razão muito simples: é que tudo quanto sabemos a respeito do estado em que se achava esse latim no século I a.C., ou mesmo antes, revela que ele já apresentava um número tão grande de inovações de caráter românico, que nuncateria dado origem ao latim sintético, de flexão tão rica, dos grandes monumentos literários que Roma nos legou" (pp. 137-138).

Em ~~kkk~~ conclusão, o latim vulgar não pode ser apenas o latim falado em Roma, mas a língua falada pela plebe romana, instrumento de comunicação que se havia transformado na "koinê do vasto Império ~~kk~~ em todo o Ocidente, desde o Tejo até o Danúbio" (p. 138).

Para clarificar definitivamente a proporção latim vulgar: latim falado pela plebe: latim literário: latim falado pela aristocracia, lemos no cap. V que o latim literário "No princípio não era nem artificial, nem imitação do grego, apenas um tanto conservador e, às vezes, arcaizante, na sua estrutura gramatical, na sua fonética e no seu vocabulário" (p. 142).

Tal asserção prova-a o A. pelas seguintes razões:

1. Testemunho dos autores clássicos latinos. Examinando textos de Cícero, Quintiliano, Varrão, Aulo Géljo, esclarece-se que:

- "a) que a língua clássica se fixa de acôrdo com o uso dominante da época;
- b) que esse uso é o da língua falada pela boa sociedade de Roma, isto é, do sermo quotidianus ou urbanus;
- c) que um meio seguro de aprender o latim correto é ser educado em uma casa onde se mantêm, naturalmente, os melhores hábitos de latinidade". (p. 156)

É ainda a lição dos textos que evidencia que "falar bem latim não era imitar o grego" (ibid.), pois os helenismos chocavam o espírito latino. Eis aqui uma afirmação que provocará reação nos meios especializados, pois há de há muito se insiste, com algumas vozes discordantes, é certo, nas fortes doses de helenismo sobre a língua e a literatura latinas.

2. Evidência interna da língua clássica a respeito de suas relações com o sermo quotidianus

a) Relações pré-históricas da oposição ao grego.

Retomando o assunto iniciado linhas atrás, ensina-nos o A. neste passo que as classes cultas de Roma não helenizavam, mantendo-se antes ~~estáticas~~ dentro dum padrão rígido de purismo, conforme já Meillet o demonstrara. A invasão dos grecismos, por outro lado, podia ser notada na língua vulgar, de seu natural mais aberta às influências exóticas. Aqui, portanto, mais um ponto em que se ^{extra} ma a camada latina vulgar das aristocrática. Não se deve pensar todavia, que é o grego que deve explicar as principais oposições entre essas camadas. É na tendência arcaizante do latim clássico que se localiza o porquê dessa diferenciação; arcaica é a fonét:

(conservação do acento musical, que não se deve à influência grega), a morfologia (ausência de artigo definido), a sintaxe (colocação da palavra na frase à moda itálica, como no hábito de encerrar-se a frase com o verbo -p.166-) e o vocabulário (preservação de formas antigas, ao passo que o latim vulgar emprega em larga escala os derivados expressivos; cf. lat. lit. ovis, lat. vulgar oficula). "A diferença notável entre a língua clássica e a vulgar é, pois, devida, em boa parte, ao fato de que aquela conserva um número muito maior de formas antigas, enquanto esta vai substituindo, em larga escala, tais formas por outras mais novas, ora simplesmente derivadas daquelas, ora termos novos de origem diversa" (p. 169). ~~Deus~~ o latim vulgar, como já se assinalou, é rico em helenismos. Basta atentar para os vocábulos compostos correntes em Plauto, destinados a provocar comicidade.

b) A vitalidade do latim e as suas relações com o sermo quotidianus reveladas or sua mutabilidade. Desfaz-se aqui o velho tabu do artificialismo e da imutabilidade do latim literário, entendidos em seu sentido absoluto. Tratando-se da estilização do sermo quotidianus, é óbvio que o latim literário apresentasse certa evolução, o que permite a fixação de fases diversas em sua história, "desde os autores arcaicos até o fim do Império" (p. 172).

No cap. VI fixam-se alguns aspectos importantes para a compreensão do latim vulgar, a saber, sua homogeneidade e variabilidade (8), dados que coexistem nos dialetos, em maior ou menor grau. Crê o A. que é do "período final da República e dos primeiros tempos do Império (e não do período final deste, como tantas vezes se pensa) que data a unidade fundamental do latim vulgar" (p. 180). A seguir, alinham-se as características gerais do latim vulgar: maior simplicidade, analiticismo acentuado, gosto pelas formas concretas e expressivas, permeabilidade maior aos elementos exóticos (pp. 180-186).

Concluindo o presente estudo, que acreditamos logo se transformará no manual de cabeceira de quantos se iniciam neste magno problema da Filologia Românica, aponta-nos o Prof. Maure:

o caráter evolutivo de latim vulgar e sua dialeção durante o Império, provocada pelos mais diversos fatores (9).

Eis aqui, em resumo, uma obra de leitura necessário, ~~precisa~~ que é da Gramática do Latim Vulgar que tantos serviços vem prestando ao ensino da Filologia Românica entre nós.

NOTAS

- (1). Partilham desta opinião E. Bourciez nos seus Elements de Linguistique Romane, 4ème. éd. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1956, §§ 41 e 42; C.H. Grandgent na Introduccion al latin vulgar, 2ª ed. Madrid, Publicaciones de la Revista de Filologia Española, 1952, pp. 20-21.

É bom notar, contudo, que este último confundia frequentemente latim vulgar com latim medieval; é o que se deduz de sua afirmação pela qual o participio presente é forma vulgar, dado que documenta com autores tardios (cf. § 107 da obra citada). Sobre a posição de Grandgent face aos estudos de latim vulgar, consultar Serafim da Silva Neto - História do Latim Vulgar. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957, p. 12; Theodoro Henrique Maurer Jr. - Unidade da Românica Ocidental. São Paulo, 1951, p. 6; ~~Finalmente~~ Theodoro mesmo Autor, na obra que estamos resenhando, p.

- (2) Cf. pp. 54-55; Serafim da Silva Neto, o.c., pp. 27-36; Angelo I teverdi - Manuale di avviamento agli studi Romanzi. Le lingue manze. Milano, Casa Editrice Dottor Vallardi, (1952), pp. 22- Para um debate mais amplo da questão, consultar: Meyer-Lübke, Wilhelm - Introdução ao estudo da glotologia românica, redação portuguesa de A.G. Júdice. Lisboa, Livraria Clássica Editôre 1916, p. 156; Tovar, Antonio - "Latim vulgar, latim de Hispânia", in Jornal de Filologia, III, 2, 81-86; Battisti, Carlo Avviamento allo studio del latino volgare. Bari, Leonardo da Vinci, 1949, pp. 23-60; e p. 88 Tagliavini, Carlo - Le ori ne delle lingue neolatine, 3ª ed. Bologna, Casa Editrice P. Ricardo Patron, (1959), pp. 163-166.

- (3) Cf. Serafim da Silva Neto, o.c., pp. 43-44 e 54-55.

- (4) "Como fica dito, visamos a uma reconstrução do latim vulgar pelo método comparativo. ~~Então~~ Sabemos que ele não está em voga no momento. Como observa Robert Hall, em artigos nos referimos mais adiante, os romanistas modernos, com exceções, abandonaram mesmo a tentativa de reconstruir

romance. Há certa desconfiança do método comparativo para a reconstrução de uma fase lingüística antiga. Mas -- procuramos demonstrá-lo no desenvolvimento dos capítulos subsequentes -- quando usado com critério, sem que se exija dêle mais do que pode fornecer, o método comparativo é ainda de valor inestimável, porque nos revela um estado lingüístico inteiramente inacessível por outros meios" (p. 10). Não se infira, daqui, que o Autor passe em branco as deficiências do método histórico-comparativo, incapaz, por exemplo, de "nos dar uma imagem pormenorizada do latim vulgar". Há, porém, uma grande utilidade há em tal método, "é que só êle nos proporciona o conhecimento dos característicos gerais do latim vulgar" (p. 11).

- (5) São aqui referidos, entre outros, o arquiteto Vitrúvio, as versões bíblicas, o Satiricon de Petrônio e a Peregrinatio ad loca sancta atribuído à monja Etéria. Sobre isto, leia-se Ennio Fonda - "O problema histórico da Peregrinatio Aetheriae", in Revista de Letras, Assis, 1962, vol. III, 137-169.
- (6) "O ligeiro exame que acabamos de fazer das fontes escritas nos está mostrando quanto de bom senso e de espírito crítico é necessário no uso do material que nos proporcionam inscrições e textos literários menos corretos, quando se tenta a reconstrução do latim vulgar. Fique bem claro, porém, que não negamos a utilidade destas fontes para o conhecimento daquele. Apenas insistimos no seu caráter fragmentário e na imagem imperfeita, quando não falseada, que sugerem, enquanto tomadas isoladamente" (p. 34). "Para estabelecer-se com razoável probabilidade a origem latina vulgar de uma forma comum ao Ocidente e à Dácia, é necessário que ela pertença aos dois grupos em sua fase mais antiga" (p.
- (7) Insiste-se aqui no valor da semântica para a compreensão dos divergentes nas línguas românicas. Com efeito, o vocabulário romance bebeu em duas fontes: a língua popular e o latim medieval servindo este no momento em que as línguas românicas fixaram forma literária (p. 131). Daqui as diferenças de sentido que medeiam entre inteiro e íntegro, cadeira e cátedra. É um importante que Adolfo Coelho passa em branco, preocupado com a explicação morfológica dos divergentes em seu conhecido estudo "Formes divergentes de mots portugais", in Romania II, 1873, 281-299

- (8) "A sua homogeneidade nos permite falar de uma língua ou de um dialeto, enquanto a variedade nos fornece os elementos dialetais existentes ao lado da unidade fundamental" (p. 178).
- (9) "No estudo do latim vulgar é preciso distinguir um período de relativa homogeneidade, em que êle se cinge a uma pequena região da Itália, com o seu centro em Roma, e o período de dialeção mais abundante, que coincide com a época imperial" (p. 189).

ATALIBA T. DE CASTILHO

abril de 63

pl Alfa 3